

Vício em *SEXO*

Quando o desejo sexual se torna
uma doença na mente do indivíduo

TEXTO
ANDREY SEISDEDOS / COLABORADOR
ENTREVISTAS
NATÁLIA NEGRETTI E
ANDREY SEISDEDOS / COLABORADOR

Ninguém duvida que fazer sexo é bom. É comprovado cientificamente que ajuda a emagrecer, melhora o funcionamento do cérebro e traz uma série de benefícios para o organismo, além de estimular o bem-estar. Porém, em alguns casos, a prática sexual deixa de ser um hábito prazeroso e se torna uma patologia. Nesse contexto, o sexo chega a ser um vício tão grande e poderoso que pode trazer prejuízos para a vida desses indivíduos.

POSSÍVEIS CAUSAS?

De acordo com João Rafael Torres, analista junguiano, especialista em Dependências, Abusos e Compulsões (DAC), algumas pessoas são mais propensas a desenvolver patologias de fundo compulsivo. A compulsão por sexo, mais especificamente, pode se desenvolver em função de uma iniciação traumática da pessoa no universo da sexualidade. “Seja por um abuso na infância ou por uma incapacidade de assimilar as primeiras experiências, mesmo que elas tenham ocorrido na vida adulta”, comenta. É importante lembrar que isso é uma especulação e não uma regra. Esse desejo sexual pode representar uma compensação para coisas que faltam na vida da pessoa. “A compulsão pode ser a válvula de escape, a representação simbólica de outra questão psíquica que esteja em descompasso. Por essa razão, somente o acompanhamento caso a caso poderá determinar a melhor orientação para amenizar o sofrimento provocado pela compulsão”, indica o especialista.

Quando mais é melhor

“A compulsão sexual está relacionada a uma necessidade exacerbada de estar em contato com tudo aquilo que se relaciona ao sexo”, define a sexóloga e psicóloga Carla Cecarello.

Uma das principais características dessa compulsão é a busca excessiva que a pessoa tem por satisfazer seus desejos e vontades sexuais. João Rafael Torres, analista junguiano, especialista em Dependências, Abusos e Compulsões (DAC) analisa: “podemos pensar na compulsão sexual como uma espécie de vontade que tiraniza o sujeito para a prática do sexo”.

Para atingir a satisfação, o compulsivo sente que precisa possuir vários relacionamentos, mesmo que não cultive nenhum tipo de sentimento por seus parceiros: o que importa é apenas fazer sexo. Na verdade, a qualidade do ato é o que menos tem valor para ele. “Vale mais a quantidade, o volume de vivências, o número de parceiros, a voracidade dos encontros. Muitas vezes, a compulsão afasta o sujeito da autocensura e dos limites de coerência: ele se expõe a riscos que não correria normalmente”, revela João Rafael.

Um dos aspectos que demandam muita atenção em relação a essa busca incessante é a vulnerabilidade para contrair doenças sexualmente transmissíveis com maior facilidade.

O psiquiatra Sérgio Lima aponta que esse tipo de compulsão não envolve somente o desejo de se relacionar sexualmente com outras pessoas. “O indivíduo pode necessitar consumir material pornográfico masturbando-se compulsivamente ou discutir o assunto em sites de relacionamento”, afirma.

Desejo sexual X patologia

Desejo sexual e o desenvolvimento de uma compulsão têm uma linha tênue de diferença, e é preciso cuidado para não misturá-las. A pessoa pode ter um desejo sexual frequente e intenso, mas controlável. Ela possui total controle daquilo que se passa em sua mente e não vai deixar que isso afete e acabe com a sua vida profissional ou social.

Por outro lado, o indivíduo compulsivo, diagnosticado com a patologia, não possui nenhum controle dos conteúdos que vêm até sua mente, e o desejo surge independentemente do momento ou do local. Por exemplo, se a vontade sexual for despertada durante o expediente, a pessoa tentará encontrar um modo de se satisfazer ali mesmo, no local de trabalho.

Com o passar dos anos, a única coisa que o interessa é satisfazer-se. O psiquiatra Sérgio Lima aponta que a compulsão ocorre “quando o indivíduo passa a viver em função de obter o prazer sexual, havendo, assim, uma restrição da vida dessa pessoa a ter como única e exclusiva gratificação: o sexo”.

“A pessoa não consegue mais desempenhar suas atividades diárias, nem trabalhar, abandona os estudos e filhos, não para em lugar nenhum, contrai doenças sexualmente transmissíveis, apresenta um comportamento de risco”, explica o ginecologista, obstetra e sexólogo Gustavo Maximiliano Dutra da Silva.

Em função disso, o compulsivo enfrenta muitos problemas nas mais diferentes esferas de sua vida: social, profissional, saúde corporal, mental e emocional. Para João Rafael, o que determinará quando o desejo passa a ser uma patologia será o grau de comprometimento que esse comportamento gera na vida do indivíduo, levando em conta todos os prejuízos que pode causar. “Quando o grau de sofrimento derivado da prática excessiva ou de pensamentos/fantasias que apontam para essa prática começa a perturbar o cotidiano, está na hora de buscar auxílio profissional”, indica o analista.

Como identificar?

Mas será que é possível identificar uma pessoa compulsiva por sexo? Na verdade, não existe uma resposta objetiva para isso. Quem sofre com essa patologia não apresenta um comportamento exterior que se destaca.

Os problemas estão mais ligados ao seu interior, à mente do indivíduo, de como



“A compulsão sexual está relacionada a uma necessidade exacerbada de estar em contato com tudo aquilo que se relaciona ao sexo.”

Carla Cecarello, sexóloga e psicóloga

funciona seu cérebro e de como se dá seus pensamentos. A pessoa não para de pensar no assunto e tenta de tudo para se satisfazer, inclusive consumir mais e mais conteúdos pornográficos.

Outros traços da personalidade de um compulsivo é viver frustrado com qualquer coisa, sendo que apenas o sexo o satisfaz, e quando não apresenta um conhecimento sobre si mesmo. “Essa busca pelo autoconhecimento leva o sujeito a um controle dos seus impulsos autodestrutivos”, comenta Sérgio.

É possível ainda que o compulsivo tenha comportamentos típicos de ansiedade, tornando-se inquieto quando esse desejo vem à tona. Por outro lado, “é comum também que a breve euforia experimentada no ato sexual se transforme em depressão e culpa”, indica João Rafael.

Tratamento

Assim como várias doenças e distúrbios mentais, essa patologia também possui tratamento e cuidados a serem tomados. O primeiro passo é se reconhecer como um compulsivo e que algo está fora do comum.

“A compulsão é algo que precisa ser tratado a partir do momento em que a pessoa começa a encontrar dificuldade de convivência social”, destaca Carla Cecarello. De acordo com a psicóloga e sexóloga, é preciso adotar um tratamento medicamentoso junto a um psiquiatra e realização de terapias com um psicólogo. Esse processo é fundamental para que a pessoa entenda o motivo de sua compulsão.

Segundo Sérgio Lima, “pode-se tratar com alguns antidepressivos que auxiliam a diminuir a compulsão ou outros que controlam a impulsividade. Frequentar grupos de autoajuda são, também, efetivos no tratamento”.

CONSULTORIAS Carla Cecarello, sexóloga, psicóloga e mestre em ciências da saúde pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); Gustavo Maximiliano Dutra da Silva, ginecologista, obstetra e sexólogo; João Rafael Torres, escritor e analista junguiano, especialista em Dependências, Abusos e Compulsões (DAC); Sérgio Lima, psiquiatra e diretor da Clínica Spatium